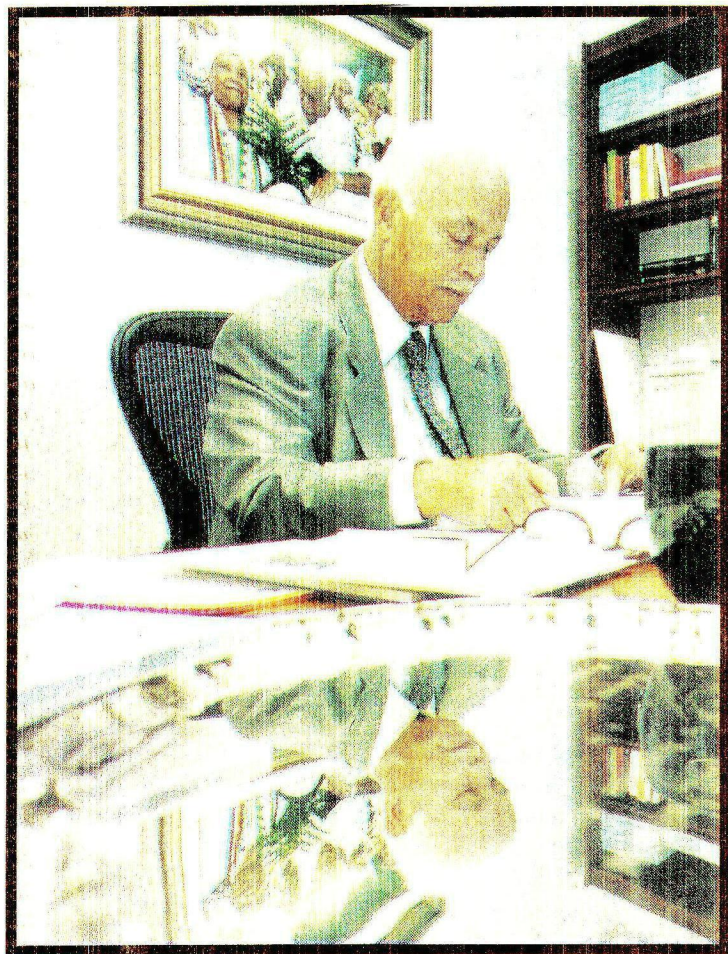




ACM: "JAMAI ENCARREGARIA UM SENADOR PARA FALAR EM MEU NOME"

ACM demonstra tranquilidade

87
Olimpio Cruz Neto

Da equipe do **Correio**

Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) pediu a José Roberto Arruda (PSDB-DF), que pediu a Regina Célia Borges, que entregou o ouro. O ouro: a lista da votação secreta que cassou o mandato de senador de Luiz Estevão (PMDB-DF). Por essa Antonio Carlos não esperava. O depoimento da ex-diretora do Prodasen, Regina Célia, revelando que violou o sistema de votação eletrônica do Senado para recuperar a lista de como votaram os senadores, o deixou em situação delicada. Pego de surpresa, como ele mesmo confessou ontem no plenário do Senado, Antonio Carlos só teve uma saída: negar. "Fiquem à vontade para esclarecer, pois jamais ninguém ouviu da minha boca tal solicitação", afirmou. "Jamais encarregaria um senador para falar em meu nome."

Foi assim que ACM reagiu.

Negou tudo. Jamais pediu. Jamais pediria. A informação prestada por Regina à comissão de inquérito que investiga a violação do painel eletrônico do Senado, de que o próprio senador baiano ligou para ela, na noite do dia 28 de junho, agradecendo o envio da lista, também foi negada. Mas pelo seu assessor de imprensa, Fernando César Mesquita. "Ele (ACM) jamais ligou para a Regina", disse. "Se a (ex) diretora do Prodasen recebeu alguém, que diga quem foi", declarou o próprio Antonio Carlos. E ainda pediu acareação com a ex-subordinada: "Ela nem me procurou para confirmar se eu pedi mesmo".

Ainda teve de ouvir do seu inimigo nº 1, o senador Jader Barbalho (PMDB-PA), a declaração de que o caso será apurado "com a maior isenção". ACM apenas mexeu a boca, em resposta, como se estivesse mastigando o fígado do adversário. Ficou irado em algum momento. Logo depois, um tanto

quanto contrariado com as últimas revelações, que podem levá-lo, no mínimo, a uma suspensão pelo Conselho de Ética do Senado, Antonio Carlos chegou ao seu gabinete, no final da tarde de ontem, aparentando tranquilidade. Mas não disfarçava o desconforto. "Eu estou tranquilo, com a consciência tranquila", disse, tentando esconder a irritação.

Logo depois, reuniu-se com os aliados baianos, os senadores pefelistas Paulo Souto e Waldeck Ornélas. Ficaram conversando, a portas fechadas, por quase uma hora. De lá, a passos lentos, foi para a Comissão de Fiscalização e Controle, onde o ministro José Jorge (Minas e Energia) estava depondo. Como se apresentando o que lhe aguarda. Hoje, após a apresentação do parecer do senador Carlos Wilson (PPS-PE), com as conclusões da comissão administrativa de inquérito, o senador baiano deverá ser convidado a depôr no Conselho de Ética.